

ESTELLE LAURE

ESSA  
LUZ  
TÃO  
BRILHANTE

SERÁ QUE A MELHOR COISA PODE  
ACONTECER NO PIOR MOMENTO?



# - ESSA - - LUZ - - TÃO - ♥ BRILHANTE

“Essa luz tão brilhante é um divertido, poético e generoso lembrete de que a vida pode – e vai – nos surpreender.” – Jennifer E. Smith, autora de *A probabilidade estatística do amor à primeira vista* e *A geografia de nós dois*

“O frescor da voz de Lucille, em primeira pessoa, transborda de metáforas, capturando poeticamente seu horizonte emocional de força, fúria, paixão desenfreada e total entrega, no limite da exaustão.”  
– Shelf Awareness

“O livro de Estelle Laure abrange todo o espectro das emoções humanas e deixa nítida a capacidade da autora de transformar sentimentos pesados em uma linda narrativa.” – *Horn Book*

“Mais do que uma história de amor, este livro é poético e possui uma abordagem promissora da solidão e da conexão entre duas pessoas.”  
– Laura Ruby, autora de *Bone Gap*

“A narrativa é delicada, mas há nela uma constante aspereza. É um livro dolorosamente esperançoso.” – *Kirkus Reviews*

“Lutando contra causas impossíveis, Lucille é uma heroína profundamente humana, mas forte como aço.” – BNTEENblog

“Estelle Laure escreve com força e lirismo. Sua escrita brota de seu coração com honestidade.” – A. M. Jenkins, *Repossessed*

Para meus filhos, Lila Sophia e Bodhi Lux,  
que amam com todo o coração.

# Dia 14

*A mamãe tinha que ter voltado para casa* ontem, depois de duas semanas de férias. Catorze dias. Ela disse que precisava dar um tempo de tudo (leia-se: nós) e que retornaria antes do primeiro dia de aula. Eu meio que sabia que ela não ia aparecer, por causa do que recebi pelo correio ontem, mas mesmo assim passei a noite toda esperando, torcendo, para que fosse só paranoia minha, para que a minha intuição quase infalível tivesse se estrepado. A porta não rangeu, o assoalho não estalou, e fiquei observando o sol nascer contra a parede, todo o meu ser ciente da verdade: nós estamos sozinhas, Wrenny e eu, pelo menos por enquanto. Wren e Lucille. Lucille e Wren. Vou fazer tudo o que for necessário. Ninguém vai nos separar. Isso significa manter as coisas na máxima normalidade possível. Fingir. Porque as coisas não podiam estar mais longe da normalidade.

O normal foi embora com o papai.

Eu estava com um tipo de sensação flutuante esquisita quando pentei o cabelo de Wren e fiz tranças que, segundo ela, ficaram muito apertadas, preparei o café da manhã, o almoço para nós duas, escolhi as roupas dela, peguei sua mochila e levei-a para o primeiro dia de aula do quarto ano, cumprimentando todos os vizinhos ao mesmo tempo que

eu tentava me desviar de qualquer pessoa que tivesse coragem de perguntar onde diabo estava minha mãe. Mas fiz tudo errado, sabe? Fora de ordem.

Eu devia ter preparado o café e me arrumado primeiro. Wren devia ter se vestido depois, e não antes do café da manhã, porque ela faz muita bagunça quando come. Desde hoje de manhã, ela não gosta de atum (“Parece vômito”), que era a comida preferida dela ontem, e só fiquei sabendo disso quando a marmita com o almoço já estava fechada e a gente devia estar saindo de casa. Lavei as pilhas de roupa suja, dobrei as minhas peças, pendurei as da mamãe, coloquei as de Wren com cuidado nas gavetas da cômoda dela, mas acontece que nenhuma das roupas dela está servindo. Como foi que ela cresceu tanto assim em apenas duas semanas? Talvez porque estes catorze dias duraram uma eternidade.

A mamãe é que fazia todas essas coisas sem que ninguém se desse conta. Agora eu me dou conta. Reparo que ela *não está*. Reparo que ela *não faz*. Minha vontade é cutucar Wren, descobrir por que ela não pergunta onde a mamãe está no primeiro dia de aula, por que a mamãe não está aqui. Será que ela sabia, lá no fundo, que isto ia acontecer de qualquer jeito, que a noite em que a polícia apareceu foi o começo e que esta é a única conclusão necessária e inevitável?

Às vezes, a gente simplesmente sabe.

Mas, bom, eu fiz tudo que a mamãe teria feito. Pelo menos, tentei. Mas o universo sabe muito bem que estou brincando, fingindo seguir um manual que eu gostaria de ter. Mesmo assim, quando eu dei um beijo de despedida no topo da cabeça escuro e macio de Wren, ela entrou saltitante na escola. Isso deve valer alguma coisa.

Faz calor esta manhã. O verão ainda não sabe que está acabando, e eu caminho com rapidez pelas nove quadras que separam as duas escolas. Quando entro pelas portas do colégio do ensino médio, estou toda suada.

E agora estou aqui. Na sala de aula. A música que Wren ficou cantando a caminho da escola, um popzinho qualquer, martela uma dor de cabeça persistente e chata em mim. Chego um pouco atrasada à aula de inglês, mas isso acontece com quase todo mundo no primeiro dia. Logo todos nós saberemos exatamente onde devemos estar, e quando e onde temos que nos sentar. Vamos ser cordeirinhos bonzinhos.

Eden está aqui, sempre chega na hora, cedo o suficiente para reivindicar a carteira em que prefere se sentar. Tem o braço apoiado no encosto de uma cadeira vazia ao lado dela, até me ver. Inglês é a única matéria que cursamos juntas este ano, e isso é muito chato. É a primeira vez que isso acontece. Prefiro quando a gente pode passar o dia todo juntas. Pelo menos meu armário fica ao lado do dela.

Ela é muito legal, mas do jeito dela. Não é aquele tipo de pessoa que diz: “Vem aqui falar comigo.” É do tipo que observa, espera e enxerga muita coisa; faz a linha pensativa. Seu cabelo volumoso e flamejante praticamente transborda pelas costas da cadeira. Está vestindo a armadura em forma de jaqueta de couro, coisa que qualquer um ia achar meio exagerado para um dia de setembro em Cherryville, estado de Nova Jersey. Só que o ar-condicionado desta escola é tão potente que sentimos um frio de sala de cinema, então na verdade até eu gostaria de ter um casaco, e de ter colocado algum agasalho na mochila de Wren também, mas tenho certeza de que na escola de ensino fundamental não fica tão congelante assim. Acho que a diretoria do ensino médio decidiu que nos deixar morrendo de frio pode ajudar a conter nossos hormônios descontrolados ou algo assim.

Estão errados.

O Sr. Liebowitz olha feio para mim quando eu me sento. Interrompi o discurso mal-humorado padrão dele sobre o ano, sobre como ele não vai aceitar nossa falta de disciplina, sobre o fato de que estarmos no último ano do ensino médio não significa que podemos agir feito idiotas e sair ilesos. Ou talvez ele esteja olhando para mim daquele jeito porque

também sabe do papai. As pessoas fazem comentários ao meu redor, mas é como se Eden abafasse todo o barulho com a jaqueta de couro dela. Enquanto eu tiver Eden, tudo ficará bem. De qualquer modo, eu nunca falo com outras pessoas.

Digby pode ser o irmão gêmeo dela, mas é comigo que ela divide o cérebro.

Já Liebowitz pode rosnar e andar de um lado para outro quanto quiser que não vai adiantar nada. Todo mundo sabe que ele é um banana, que mal consegue esperar para chegar em casa à noite e vestir o cardigã e os chinelos confortáveis para poder cuidar das plantas com atenção superespetacular e tocar Frank Sinatra ou algo assim para elas. Ele sempre começa o ano todo rígido. E quem pode julgar? O ensino médio é um hospício. Precisava ter barras nas janelas e seguranças do lado de fora. Mas nunca fariam isso aqui.

Eden dá um chute no meu pé e me traz de volta ao presente, então retribuo o chute e fico me perguntando se brincar com o pé da minha melhor amiga se qualifica como mau comportamento.

– Jantar – diz ela, sem emitir som.

– Wren – respondo, também sem som. Dou de ombros.

Meus olhos contam o que aconteceu com a mamãe sem que eu tenha essa intenção.

Ela balança a cabeça.

– Vaca – sussurra.

Dou de ombros de novo, tento não encará-la.

– Pode levar a Wren. A minha mãe é capaz de alimentar o mundo todo.

Faço que sim com a cabeça.

– Digby vai estar lá. – Ela chuta o meu pé mais uma vez.

Faço o meu corpo inteiro ficar estático. Olho fixo para Liebowitz enquanto os lábios finos e esbranquiçados dele formam palavras.

– Bom, ele mora na sua casa – comento. Patético.

– Mocinhas – diz Liebowitz, cantarolando. – Este é só o primeiro dia. Não me obriguem a separar vocês duas.

*Boa sorte em tentar nos separar, é o que tenho vontade de dizer. Boa sorte mesmo. Vá dar comida para os seus peixes e regar as suas plantas. Vá vestir seu cardigã e seus chinelos, e vê se me deixa em paz.*

Quando Wrenny e eu terminamos de subir a ladeira até a casa de Eden no Corolla antiquíssimo da mamãe, Digby e o pai dele, John, estão no quintal jogando basquete, e a minha vontade é de entrar na casa o mais rápido possível, senão é capaz de eu ficar ali o dia todo, só olhando fixamente para ele. Sinto um tipo de arrepio ou algo assim quando vejo pai e filho jogando bola. Sério, tenho vontade de cobrir os olhos de Wren com a mão para ela não enxergar tudo que está perdendo.

E isso me lembra uma coisa.

– Wren!

– O que foi? – Ela está limpando o nariz na blusa, com um livro no colo, e está um pouco suja, com o cabelo ensebado e embaraçado apesar do meu esforço hoje de manhã. A certa altura as tranças se soltaram e ela ficou selvagem de novo.

– Sabe essa coisa de a mamãe não estar em casa?

Ela para. Fica tensa.

– Sei – responde.

– Bom, a gente não quer que ninguém saiba, certo? Nem Janie nem Eden nem Digby nem John.

– Mas ela está de férias, colocando a cabeça no lugar. Ela vai voltar.

– Certo, vai, sim – digo. – Mas, mesmo assim, a gente não pode contar pra ninguém, porque talvez as pessoas não entendam. Podem ter uma ideia errada.

– Tipo achar que ela abandonou a gente pra sempre?

Tem muito mais coisa acontecendo dentro da cabecinha de Wrenny do que eu um dia vou saber.



– Talvez, ou pelo menos que ela vai demorar mais do que deveria. – Estico a mão para a maçaneta da porta porque não consigo olhar para ela. – Alguém pode pensar isso.

– Mas ela não abandonou a gente – diz. – Ela é a mamãe.

– Claro que não abandonou. – Mentira.

– Então, quem se incomoda com o que os outros vão pensar?

– Wren, só estou pedindo pra não falar nada, certo?

– Certo.

– Algumas coisas ficam só entre a gente. – Abro a porta, então me inclino e tento limpar a blusa dela com o polegar, inutilmente. – Como o fato de a mamãe estar de férias. Combinado?

– Eu disse que tudo bem, tá? – Ela sai do carro e fica esperando, olhando para mim como se eu fosse a pessoa mais irritante do planeta.

– Ei, Lu?

– O quê? – respondo, e me preparo para o que vem a seguir.

– A sua mãe é tão gorda que saiu de casa de salto alto e voltou de chinelo de dedo.

Eu poderia dizer a ela que detesto essa nova obsessão dela por piadas de “mãe”, mas não estou a fim de me estender, por isso meio que dou risada para a gente poder seguir em frente. Quero entrar logo, também por causa da outra coisa. Por “outra” quero dizer aquilo que me faz suar só de ficar parada ali. E com “coisa” me refiro a Digby, que conheço desde os 7 anos, mas que ultimamente vem me fazendo agir como uma idiota completamente tonta. Pergunte qual é o meu nome quando eu estiver na presença dele e é possível que eu não consiga responder. Provavelmente eu só diria: “LLLLL... llllllu...”, e você ia ter que enxugar a baba escorrendo pelo meu queixo.

Eu sei. Não é uma imagem bonita.

Mas falando sério... Alto, suado e *sem* camisa, mostrando todos os músculos assim na minha cara. Ele não brilha exatamente, pelo fato de ser mais branco do que branco e porque, depois de um verão inteiro ao

ar livre, o máximo de cor que conseguiu está nas sardas cobrindo sua pele. Mas só de ver o cabelo dele colado na testa, o corpo tão comprido e esbelto, ele driblando o pai para fazer a bola entrar na cesta, minha vontade é sair do carro, me ajoelhar na entrada da casa e dizer *Senhor, tenha piedade, aleluia!*, escrever sonetos, pintá-lo num quadro e idolatrar aquela curvinha onde o pescoço dele se encontra com o ombro que é simplesmente muito, muito perfeita.

Ele é lindo.

E é por isso que, quando ele diz oi para mim, eu mal ergo um dedinho em resposta. Há dois problemas principais aqui. Sem contar com o fato de que ele é irmão gêmeo de Eden e de que isso é esquisito demais, em vários sentidos.

Primeiro: ele tem a mesma namorada desde o início dos tempos. Eles são grudados, ela usa a jaqueta dele e a certidão de casamento dos dois já está praticamente assinada. Anjos abençoam a porcaria da união deles. E segundo: se eu tivesse uma chance com ele, se ele algum dia me beijasse ou algo assim, eu ia morrer de implosão. Sei que pareço uma menina de 12 anos me derretendo por algum ator famoso, e não a futura mulher extremamente dona de si mesma que sou na verdade, mas algo nele me faz perder a cabeça, algo no jeito como ele se move, na pessoa dele: isso acaba comigo. Então, espero que ele nunca me beije. Isso seria um desastre completo. Ninguém precisa me ver desmoronar desse jeito. Muito menos ele.

Na verdade, muito menos eu.

Janie, a mãe de Eden, fez almôndegas. Ela não sabe cozinhar só para quatro pessoas, ou seis, porque é banqueteira e organiza festas, então a geladeira está sempre cheia de restos de coisas que acabam sendo servidas como aperitivos. Quando ela cozinha, faz sempre em grande quantidade. Dá para sentir pelo cheiro na casa que as almôndegas passaram o dia todo fervendo no molho. A essência dos bolinhos penetrou em tudo.

Fico observando Eden e Janie por um minuto. Duas ruivas trabalhando juntas na pia na cozinha nova, grande e arejada, de costas para nós. Tudo é supercertinho aqui nessa casa dos sonhos, exatamente do jeito que eles queriam, então a cozinha, de algum jeito, parece ser uma extensão de Janie. Eden e a mãe são muito parecidas, só que Janie se veste melhor do que Eden, que está com a roupa de balé que sempre usa fora da escola, como se recolocasse uma pele necessária. Janie bate o quadril no de Eden. Eden retribui. O equivalente a chutes de quadril. Eden gosta de trocar chutes de todos os tipos. Elas estão cortando as verduras para a salada, as duas ágeis e eficientes. Dou um abraço em Wren e a puxo para perto bem quando Beaver Cleaver, o poodle, pula em cima dela e Janie nos vê.

– Olá, meninas – cumprimenta ela.

– Oi, Janie – responde Wren, que imediatamente desaba no chão com BC.

Eu aceno.

– O cheiro está delicioso – diz Wren, embaixo da bola de pelos branca. – É molho de vodca?

Janie dá um sorriso.

– Molho de vodca? Isso é um pouco complicado de fazer, não?

– Vi a receita num programa de culinária do canal Food Network – responde Wren, e se levanta de um pulo. – E também é servido no restaurante Gino's. O de lá é bem gostoso.

– Bom... — Janie aponta para o armário na sala de jantar e eu começo a pegar os pratos – ... isso é impressionante, Wren. Não, não é molho de vodca. É só o bom e velho molho de tomate, mas espero que você goste.

– Ah, sim – responde. – Eu vou gostar. Faz semanas que a gente só come pizza congelada.

– Isso não é verdade – me defendo. Ela exagerou muito.

– É, sim. Tudo que Lucille faz vem de uma caixa.

Tinha muita pizza no nosso freezer.

– Mas e a sua mãe? – pergunta Janie. – Ela é boa na cozinha.

– Ela não está aqui – responde Wren, e então olha para mim dando de ombros, como quem diz “O que você quer que eu fale?”. – Porque ela está de férias – completa a menina.

– Ah, certo – diz Janie, e seu rosto se contrai.

– Que tal assistir a um pouco de TV antes do jantar? – sugere Eden, e se enfia entre Janie e Wren.

– Dez minutos – finaliza Janie, e volta para a cozinha um pouco relutante. – Terminem de colocar a mesa, meninas.

Receber ordens me dá uma sensação boa.

– Sabe – começa Eden –, tem algo muito errado e machista no fato de nós estarmos aqui cozinhando e agindo feito gado domesticado enquanto os rapazes estão lá fora jogando basquete.

– Ah, pelo amor de Deus, Eden – esbraveja Janie, enquanto coloca o molho na travessa grande de salada. – Eu adoro cozinhar.

– Vossa Alteza Real poderia pelo menos colocar a mesa. – Copos tilintam.

– Achei que seria bom que ele passasse um tempo a sós com o pai.

– É, seria bom ele colocar a mesa. Fazer algo além de exibir as habilidades de neandertal dele. Você está incentivando e perpetuando o privilégio masculino, sabia?

– Eden, estou fazendo um jantar pra minha família, o que é uma alegria pra mim. – Ela solta um suspiro bem alto. – Eu não devia precisar explicar isso. E não é crime nenhum deixar os dois jogarem de vez em quando.

– Sim, mas quando é que *a gente* vai jogar, mãe? Esta é a minha pergunta.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Minha respiração fica esquisita. Como elas são idiotas, discutindo por causa disso. Elas não sabem. Elas não sabem.

– Lucille – chama Janie, por cima da cabeça de Eden –, pode me fazer o favor de chamar os rapazes? Diga a eles que o jantar está quase pronto.

*Droga.*

Como é que num dia uma pessoa é um componente de decoração na casa (uma mesa bacana, talvez) e no outro passa a ser os canos, a fundação, a viga central sem a qual toda a estrutura desaba? Como é que uma estrela que mal se nota se transforma no sol?

Como é que num dia Digby era o irmão reconhecidamente superfofo de Eden e no dia seguinte roubava o ar, causava calafrios e fazia todas as minhas entranhas se contorcerem? Será que são os hormônios? Uma falha na matriz? Resultado do desespero interno e da minha falta de desenvoltura?

Já tentei, um milhão de vezes, identificar o momento em que ele se tornou tão vital, mas não consegui. Só sei que os meus sentimentos idiotas e irritantes comprometeram completamente a minha capacidade de funcionar quando estou perto dele, que quero diminuir o espaço entre nós e me enrolar toda nele. Todo o meu ser iria evaporar, acho. É ridículo.

E é por isso que fico olhando fixo para o meu prato. Muito fixo. Vou comendo a minha almôndega (parece que só tenho apetite para uma) enquanto Eden e Digby ficam implicando um com o outro. Ninguém presta atenção a nada, e tenho medo de erguer os olhos porque Digby está bem na minha frente, do outro lado da mesa.

Wren suja todo o rosto de molho, que chega a respingar na parte da frente da blusa dela.

– Ai, minha nossa – diz ela a Janie. – Você é tipo um gênio da culinária.

Pelo canto do olho, vejo Janie ficar radiante.

– Pode vir aqui sempre que quiser – comenta ela. – Você é oficialmente minha convidada preferida. – Ela espeta no garfo alguns aspargos, sorri e diz: – Culinária. – Balança a cabeça. – Então, Lucille, por quanto tempo a sua mãe vai ficar fora?

Para sempre.

– Ela deve voltar nos próximos dias.

– Está tudo bem com ela? – *Desde que aconteceu*, é o que ela quer dizer. *Depois do que aconteceu*. Janie sempre parece muito intensa.

Wren vira a cabeça para mim e eu me desparaliso.

– Vocês estão bem, mesmo sozinhas em casa? – pressiona Janie.

– Ah, totalmente – respondo, e também me sirvo de um pouco de aspargos. – A mamãe vai voltar.

Até o movimento na mesa parece cessar.

– Claro que sim – afirma Janie. O garfo dela faz *tíc-tíc-tíc* na beirada do prato. – Ela vai voltar, obviamente. – Ela dá uma garfada e mastiga. – Sabe, deixei alguns recados pra ela, só pra ver se está precisando de alguma ajuda. Ela não retornou os meus telefonemas. – Caiu direto na caixa postal. Sim, estou sabendo de tudo. – Ela deve estar aproveitando bastante o tempo longe. Acho que estava precisando. – Há algo no tom dela que não se reflete em seu rosto.

Eu me obrigo a olhar nos olhos dela. Assinto e dou um sorriso tímido. Quando me volto para o meu prato, aquelas coisas gelatinosas traidoras que vivem no meu rosto param nas de Digby, e o frio na barriga que só sinto numa montanha-russa toma conta de mim. Ele baixa os olhos, enrola o espaguete no garfo e fica prestando muita atenção na mãe e no que ela está dizendo agora sobre o casamento em que vai trabalhar no fim de semana.

Eu me endireito na cadeira e chuto Eden por baixo da mesa. Desta vez foi para machucar.

Ele sabe sobre a minha mãe.

Digby sabe.



– Todas as coisas perversas começam na inocência – diz Eden.

Janie chamou Wren para fazer algum tipo de biscoito, então, depois do jantar, nós estamos no quarto de Eden e ela está se alongando e se contorcendo de um jeito que me deixa pouco à vontade, porque são coisas que um corpo humano não devia fazer. Além disso, os pés dela são nojentos, e preciso desviar o olhar quando ela aproxima um deles do meu rosto, não de propósito, mas porque está no meio de algum tipo de contorcionismo maluco.

– Que doentio – digo para um calo, uma unha quebrada roxa, uma pele solta sangrenta.

– Hemingway – completa ela, e seu pé fica se balançando.

– Sério, você precisa tomar alguma providência em relação a isto. Parece inflamado.

– Bobagem – comenta ela. – Está escutando o que eu estou dizendo?

– Hemingway – respondo, me perguntando como é que isso algum dia vai me ajudar na vida.

– Ninguém tem a *intenção* de ser um imbecil, muito menos maldoso.

– Nem assassinos em série?

– Aposto que nem eles. Distúrbios de personalidade atrapalham a minha teoria, mas a gente precisa lembrar que até eles foram bebezi-nhos fofos um dia, há muito tempo. Eles não têm culpa de terem ficado com a pior parte do genoma humano. Tenha compaixão – pede ela.

– Você xingou a minha mãe de vaca.

– Era isso que eu estava explicando.

– Que a minha mãe é maldosa? – Às vezes eu só queria que ela falasse tudo logo, em vez de fazer eu me esforçar tanto.

– Não. Isso ela não é. Mas o comportamento dela, sim. E isso deriva da inocência..

– Mas ela continua sendo uma imbecil.

- E uma vaca.
- Legal – digo, como quem quer dizer que não é legal, até porque não é.
- Mas ainda assim tenho compaixão por ela. Não deve ser fácil. E agora tenho por você também – completa.
- Por mim. – Números começam a passar pela minha mente.
- Fico olhando para o teto do quarto de Eden. “CUIDADO, GENTIL CA-VALEIRO”, diz o pedaço de papel colado no alto. “NÃO EXISTE MONSTRO MAIOR DO QUE A RAZÃO.”
- Pode acreditar – diz ela, e aponta para cima com um dedo do pé bem feio.
- Preciso fazer xixi – comento.
- McCarthy – conclui ela enquanto levanto.

Deparo com Digby, que está passando pelo corredor na direção oposta, molhado, vestido com camiseta e short, e a cena parece estranhamente íntima. Há pouco tempo, ele estava nu.

Ele estende a mão para mim. A mão se afasta da lateral do corpo dele, onde estava pendurada, sem fazer nada. Agora está desperta e tocando. Traça o contorno do meu ombro, desce pelo meu braço, desliza pela minha mão. E então Digby se afasta. Continua caminhando. Nem chegou a olhar para mim.

Reparo em um retrato de família. Fico surpresa pelo fato de o terremoto dentro de mim não ter feito a parede de fotografias desabar. Minha pele queima. Todo o sangue do meu corpo está nos pontos em que ele tocou.

Uma guerra.

Uma luta mortal.

Quando entro feito um zumbi faminto no banheiro cheio de vapor, fico pensando que, às vezes, algo lento acontece rápido e você não consegue apreender bem o momento, independentemente de ter sido impor-



tante, de ter de fato acontecido ou de você ter inventado. É essa a minha sensação. Será que ele fez mesmo aquilo? Será que realmente tocou em mim daquele jeito? Será? Será que estava tomando liberdades? E, aí, droga, droga duas vezes, se é isso que acontece comigo por causa de um dedinho, então pode levar a sério o que eu disse antes a respeito de esperar que ele nunca me beije e multiplicar por mais ou menos um zilhão.

Agora tem uma cicatriz no meu braço, no lugar em que ele me tocou. Ela se forma na minha pele, em um tom de azul-clarinho, meio furta-cor, como quando as queimaduras começam a sarar. Com o aspecto de pele reconstituída depois de queimada, que é nova e ao mesmo tempo danificada para sempre.

Eu sou dramática.

Dar descarga. Lavar as mãos. Caminhar.

Eden.

– Qual é o seu problema? – pergunta enquanto faz carinho em BC, que se largou deitado no colo dela, arfando.

Olho feio para ela.

– Está chapada? Usou drogas quando saiu do quarto?

E se Digby estiver escutando de onde quer que esteja?

– Biscoitos! – Wren chama da cozinha. Ela parece feliz da vida.

Quando estamos reunidos ao redor da mesa, comendo biscoitos de aveia com gotas de chocolate (menos Eden, que jamais faria uma coisa dessas), Digby passa por nós, ainda sem olhar para mim. Não existe nenhuma conexão secreta. Ele pega a bola que está ao lado da porta, acena com a cabeça na direção da mesa e sai.

São quatro da manhã. Meu estômago está digerindo aquela única almôndega, muita água com gás e vários biscoitos. Obviamente, estou com dificuldade para dormir.

Na mão direita, seguro uma pilha de papéis dobrados com números dentro: conta de luz e de gás, seguro do carro. Contas bimestrais que

chegaram na semana passada: água, saneamento. Também tem a conta do telefone. Essa precisa ser paga. Se a mamãe algum dia resolver telefonar, o aparelho tem que estar funcionando. Precisamos de comida, e Wrenny precisa de roupas novas, e eu também, aliás, mas digamos que isso possa ser esquecido por toda a eternidade.

Minha mão direita está tremendo muito.

Na mão esquerda (sim, na mão esquerda, senhoras e senhores, meninos e meninas), tenho uma nota lisinha e reluzente de 100 dólares. É por isso que sei que ela ainda está viva. Recebi pelo correio ontem. É por isso que eu sei que minha mãe ainda caminha por algum lugar deste planeta. Ela não foi atingida na cabeça, não está com amnésia nem morta em alguma sarjeta por aí. Apenas não está com a gente. Cem dólares que chegaram em um envelope sem endereço do remetente, mas com carimbo do correio, por isso sei que veio da Califórnia. Ela deve estar lá com amigos que não encontrava havia muito tempo, talvez redescobrimo o passado dela ou algo assim. Um bilhete: *Estou tentando. Amo vocês, mamãe*. Só isso. Ela escreveu só isso, pessoal.

O que essas palavras significam? Ela está tentando voltar para nós? Melhorar? Ou arrumar emprego? Talvez seja só um jeito de fazer com que a gente não mande o FBI atrás dela. Tática eficiente. Eu gostaria que as minhas últimas lembranças da mamãe fossem de alguém que eu reconhecesse, de alguém que tivesse um comportamento que eu conseguisse prever. Meio que dá vontade de abordá-la com as mãos na cintura e dizer que tentar não é suficiente, mocinha.

É, mãe. Eu também estou tentando.

Passo a nota pelo meu campo de visão, deixo roçar nos meus cílios. Houve um tempo em que uma nota de 100 dólares teria sido a coisa mais emocionante, a promessa de fazer a festa numa loja de brinquedos, algo para ser guardado para um momento de extravagância.

Agora, não. Agora faz parte de uma grande, enorme equação que tem como resultado a minha completa ruína. Sei que ela queria voltar.

Ela não deixou o cartão do banco nem o talão de cheques nem nada. Teria deixado algo se achasse que ia embora para sempre. Ela não é má, ou pelo menos não foi desde o começo. Mesmo assim, minha mãe não está aqui e não tenho o necessário para desempenhar o papel dela. Ela só me deixou o carro e esta casa.

E Wren.

Minha mão esquerda está fechada em punho.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)